

# A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E O MITO DO AMOR ROMÂNTICO

Adriana Cristina dos Santos<sup>1</sup>  
Drielly Tenório Marinho Farias<sup>2</sup>  
Rosilene Francisca dos Santos Pereira<sup>3</sup>  
Albani de Barros<sup>4</sup>

Psicologia



ISSN IMPRESSO 2317-1693  
ISSN ELETRÔNICO 2316-672X

## RESUMO

O presente trabalho busca apreender a relação entre o mito do amor romântico e a violência contra a mulher na contemporaneidade. Para isto, recorre à teoria marxista a qual afirma que a desigualdade entre homens e mulheres surge a partir do estabelecimento da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem. É na organização da família monogâmica que se assegura a reprodução do modo de produção vigente, o capital e quando esta ordem é desobedecida, utiliza-se a violência como forma de manter a dominação entre os indivíduos. O mito do amor romântico se constitui como um instrumento que a ideologia dominante utiliza para manter as mulheres submissas. O amor neste aspecto se apresenta como mais um instrumento para continuar mantendo a mulher no íntimo do lar doméstico. Com a emergência burguesa e o mito do amor romântico, a mulher permanece submissa ao homem, mas agora não apenas pelo poder coercitivo patriarcal, que permanece, contudo, adicionado por formas subliminares de coerção. Dessa forma, as distinções entre os sexos podem ser alteradas se houver igualdade substancial das relações mútuas, isso exige a erradicação completa de suas bases, incluindo de forma primordial, a propriedade privada.

## PALAVRAS-CHAVE

Amor romântico. patriarcado. violência doméstica

## ABSTRACT

This paper attempts to grasp the relationship between the myth of romantic love and violence against women in contemporary society. For this, recourse to Marxist theory which states that inequality between men and women arises from the establishment of private property and the exploitation of man by man. It is the organization of the monogamous family that ensures the reproduction of the existing mode of production, capital, and when this order is disobeyed, it uses violence as a means of maintaining domination between individuals. The myth of romantic love is constituted as an instrument that uses the dominant ideology to keep women down. The love in this aspect is presented as an additional instrument to continue keeping the woman in the depths of the domestic hearth. With the emergence and the bourgeois myth of romantic love, the woman remains submissive to men, but now not only the patriarchal coercive power, which remains, however, added by subliminal forms of coercion. Thus, the distinctions between the sexes can be changed if there is substantial equality of mutual relations, it requires the complete elimination of its bases, including primordial form, private property.

## KEYWORDS

Romantic Love. Patriarchy. Domestic Violence.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho explana a temática da violência contra a mulher em sua etilogia e as repercussões que o amor tomou ao longo da história, em especial como ambos estão relacionados. É a partir dos inúmeros casos de violência contra a mulher que a temática passou a ser mais discutida e analisada pela sociedade e no espaço acadêmico.

A construção histórica da violência contra a mulher é imprescindível para a compreensão da temática. Entretanto, o presente trabalho objetiva, por meio de análises, conhecer a origem da violência doméstica contra a mulher, as diferentes óticas sobre o amor e as consequências psicológicas.

Quanto aos significados do fenômeno amor e sua relação com as formas de opressão e a violência sobre a mulher, eles estão acoplados as transformações que as gerações vão sofrendo, movidas pelos diferentes modos de produção. Sendo assim, é indispensável resgatar o significado das relações amorosas no decorrer da história para se entender a dinâmica das relações na contemporaneidade, ou seja, a percepção da cultura Ocidental atual nem sempre foi esta, que o amor é eterno e suporta tudo, inclusive a violência,

Ainda que muitos estudos já tenham apontado à relevância da violência doméstica, a revisão da literatura demonstra algo que a mídia não enfatiza, o amor como algo inseparável da cultura de cada época, podendo mudar de significado ao passo que a cultura se transforme e que essa trajetória analítica precisa ser ampliada. Mesmo com os inúmeros registros sobre a temática, ainda há muito que fazer no tocante a ampliação das discussões e ações de resolução da violência contra a mulher e modificação do pensamento patriarcal, que até hoje continua influenciando os processos comportamentais.

## **2 A GÊNESE DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO CASAMENTO MONOGÂMICO**

Embora a sociedade humana possa mudar de acordo com o modo de produção, não se pode falar do assunto como algo natural, pois a substância do ser humano é histórica, portanto, é resultado das próprias ações humanas. Nesse sentido, a raiz do ser humano é o próprio homem, diferente dos demais seres biológicos, o ser humano constrói a si e a sua histórica.

A partir da teoria de Lukács (1981) o trabalho é o fundamento do ser social. As diferentes formas dos modos de produções sejam eles, escravista, modo de produção asiático, feudal ou capitalista tiveram por fundamento a forma como os homens produzem os seus materiais de existência.

Nesse sentido, para apreender a violência contra a mulher se faz necessário também um resgate dos fundamentos ontológicos do trabalho, pois é a partir do excedente do trabalho que se deu as divisões de classes e a repressão das mulheres como forma de garantir a perpetuação das gerações, que eram reconhecidas por meio da propriedade privada advinda da evolução do trabalho.

A princípio, as primeiras comunidades identificadas na história, viviam em condições de extrema escassez, penúria e em abrigos grosseiros. Segundo Netto e Braz (2007), o trabalho que garantia a sobrevivência advinha da caça, da pesca e da coleta de vegetais, raízes e folhas. As relações sociais estabelecidas nessas comunidades foram o fundamento para a existência de relação de reciprocidade entre seus integrantes, ressaltando que isso ocorria numa forma de sociabilidade marcada por uma enorme pobreza e baixo desenvolvimento das forças produtivas.

Nessas circunstâncias, não era identificada nenhuma configuração de “diferença” que levassem a subordinação das mulheres em relação aos homens, existindo uma divisão de tarefas no processo de produção, sendo os homens responsáveis pela caça e a pesca e as mulheres pela coleta de frutos, folhas e raízes, atividades essas fundadas na cooperação e manutenção do grupo, aspecto esse indispensável naquelas condições históricas para a própria sobrevivência de todos.

A violência existia, contudo, ela não derivava da propriedade privada, mas em razão principalmente da luta entre os grupos para sobreviver, para defender a comunidade.

Isso não significa que não houvesse violência. A luta pelos recursos escassos incluía também a violência. Era uma violência de indivíduo contra indivíduo (não de classe contra classe) e tinha limites muito fortes que se relacionavam ao fato de que a sobrevivência de cada um, mesmo do mais forte, dependia da sobrevivência da comunidade. (LESSA, 2012, p.12).

Posteriormente, no início do período Neolítico as transformações vão surgindo, com o aparecimento da agricultura. Nessa época as mulheres ao realizarem suas tarefas de coletar cereais selvagens se destacaram, pois conseguiram perceber a germinação e o ciclo das reproduções dos cereais, e também foram responsáveis pelo surgimento de novas estratégias relativas ao trituração e conservação dos grãos.

As comunidades que viviam em extrema pobreza e penúria evoluíram para melhores condições. Surge então a exploração do homem pelo homem e a acumulação de bens. Deste modo “[...] a comunidade divide-se, antagonicamente, entre aquele que se apropria dos bens excedentes (os proprietários do fruto do trabalho dos produtores diretos) e aqueles que produzem os bens excedentes” (NETTO; BRAZ, 2007, p. 57). O trabalho começou a ser realizado pela maioria dos indivíduos ficando uma minoria se beneficiando com os frutos do trabalho alheio.

Os homens se dividiram em classes sociais e nestas, a posição destes frente ao processo produtivo determinará sua posição social, ou seja, a classe em que o sujeito pertencerá. A sociedade será dividida nessa passagem em duas classes distintas e antagônicas: exploradores e explorados que passam a se encontrar em situações de dominação.

A apropriação privada da produção material da riqueza social se configurou em uma relação de poder entre os homens, produzindo sua própria desumanidade, nesse momento nem todos os indivíduos realizam o processo de trabalho, ou seja, a transformação da natureza em valores de uso, esse será designado à grande parcela da sociedade, ficando apenas um grupo minoritário para se apropriar do trabalho alheio.

É com a propriedade privada e as classes sociais que surge o aparecimento do casamento monogâmico e as primeiras formas de opressão entre os sexos, ou seja, no seio familiar é retirado da mulher o direito à liberdade sexual e social. “Apoiando-se em dois pilares básicos – controle da fecundidade da mulher e divisão sexual de tarefas –, a sujeição física e mental da mulher foi o único meio de restringir sua sexualidade e mantê-la limitada a tarefas específicas” (LINS, 2007, p. 30).

De acordo com Toledo (2008) a sociedade determina uma relação binária de papéis sociais para homens e mulheres. Atribui o espaço público aos homens e às mulheres o espaço privado e/ou doméstico, além disto, impõe atributos valorativos para um e para outro em graus e aspectos diferenciados. O trabalho privado passa a ser considerado improdutivo, desvalorizado, e consequentemente o espaço público é responsável pelo processo produtivo social.

Lessa (2012) aponta que a família monogâmica, possibilita a exclusão ou restrições da participação das mulheres na vida social, renunciando assim seu eu, para corresponder ao que se espera dela. A mulher agora se limita ao espaço privado do lar e cuidado dos filhos, enquanto aos homens se afasta do lar para trabalhar nas fábricas e escritórios, ocupando o espaço público. O marido, dominando o trabalho remunerado e a esposa os afazeres domésticos. Nova organização familiar que trazia o confinamento da sexualidade feminina ao casamento como forma de mulher respeitável (LINS, 2004). Esta forma de organização social trazia consigo uma forte relação de violência e essa relação coercitiva e repressora que se dava principalmente na produção são transferidas para o seio familiar. Muitas vezes as mulheres são obrigadas, por via de diferentes formas de coerção, a realizar comportamentos que não desejam e isso se perpetua até os dias atuais.

A propriedade privada vai fundar o aparecimento das classes sociais, da exploração do homem sobre o homem e do casamento monogâmico. A gênese da opressão da mulher está vinculada com as mudanças ocorridas nas relações humanas desde o aparecimento da propriedade privada e das primeiras formas de sociedade baseadas na exploração do ser humano sobre seu semelhante. São estas relações sociais entre homens e mulheres planos de fundo para as relações de gênero. Estas relações permeiam todo o processo de construção dos papéis sociais, à medida que estes vão sendo delimitados cultural e socialmente a partir da ideia da divisão entre os sexos.

### **3 ETIOLOGIA DA VIOLÊNCIA**

A violência é um fenômeno que não faz parte da essência humana. Para corroborar tal afirmação Motagu (apud BUCHER-MALUSCHKE, 2004), aponta que os homens não nascem com instintos agressivos ou hostis, como também com aspectos amorosos ou afetuosos, todos estes vieses são potencializados nas relações dos homens com outros homens na sociedade vigente.

Existe uma distinção entre agressividade e violência no qual a violência é tão somente uma das maneiras de manifestação da agressividade, toda violência pressupõe agressividade, porém nem toda agressividade implica violência, assim não violência. Sendo a agressividade uma condição ineliminável da atividade do mundo dos homens, não se deve confundir agressividade com violência.

Entende-se que a violência possui fator multifatorial cujo enredamento emerge na existência social, não sendo assim, um fator biológico. No entanto, segundo Morgado (2004) a agressividade torna-se parte constituinte do ser humano e, quando ele se sente ameaçado fisicamente seja no seu espaço territorial ou familiar, a agressividade torna-se um mecanismo de defesa, levando-o a se proteger com função de autoproteção. Boris (2004) afirma que, neste sentido a violência é justificável e imprescindível para a sobrevivência do homem, tanto individualmente como coletivamente.

A violência contra a mulher é expressa ao longo da história como instrumento de dominação, controle e exploração. Segundo Ferreira (2012) por serem mulheres em uma sociedade patriarcal estão sujeitas a violência, em suas diversas dimensões. Estas se expressam em violência física, sexual e psicológica nas relações afetivas e conjugais e na violência no espaço público como, ruas, bares e locais de trabalho.

Chama-se de violência de gênero a relação que diferencia o macho da fêmea na identidade, o que pertence a um sexo não pertence a outro em suas representações, tanto as suas condições psicológicas como as socioculturais (SILVA 1992; SAFFIOTI, 1991). De acordo com Saffioti (2004, p. 17) o conceito de violência vinculado como singular e válido por muito tempo e até atualmente no imaginário dos homens, trata "[...] da violência como uma ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral". A violência é uma experiência universal, mas também particular e, evidentemente, vivida de maneira singular por cada mulher, no entanto, esta pode variar de acordo com a situação econômica e sociocultural. Não é a mesma numa sociedade capitalista ou socialista, católica ou muçulmana, por exemplo. Todavia, será sempre uma vida difícil em menor ou maior grau (SILVA, 1992).

Conforme Magalhães (2005) o papel da mulher na esfera privada, independente da classe social a qual pertença, é sempre daquela que precisa ser cuidada e conduzida. Para Saffioti e Almeida (apud MORGADO, 2004) é na socialização que as mulheres são instruídas a desconfiarem dos desconhecidos, no entanto, os agressores são geralmente parentes, principalmente cônjuges, que se aproveitam da relação de confiança com a vítima para perdurar a violência por anos.

A lógica patriarcal conferiu ao homem um lugar privilegiado, seja ele marido/companheiro, ou pai. Apesar de a mulher ser considerada a "rainha do lar", o seu reinado tem um limite, exatamente o espaço doméstico, estando o mesmo submetido ao poder exercido pelo homem. A sociedade atribui outros valores ou divisões que são determinadas pelas condições de inserção de classe e etnia, que atribuídos à condição de gênero traz a mulher um lugar mais subalterno na sociedade vigente.

## 4 O AMOR ROMÂNTICO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL, HISTÓRICA E CULTURAL

De acordo com Konder (2007) o termo amor possui uma elasticidade espantosa, sendo considerado o sentimento mais forte da psiquê, já que majoritariamente aparece atrelado a outros. O filósofo brasileiro resgata para o debate algumas contribuições dos principais autores e pensadores da história, tais como Marx, Freud, Shakespeare, Beauvoir, Drummond, entre outros.

Konder menciona que para o filósofo alemão Marx “o amor é ‘uma maneira universal’ que o ser humano tem de se apropriar do seu ser como ‘um homem total’, agindo e refletindo, sentido e pensando, descobrindo-se, reconhecendo-se e inventando-se” (KONDER, 2007, p. 21). Goethe, escritor alemão, considerava o amor como a forma mais radical de “ir ao outro”, de se reconhecer intimamente num sujeito distinto. Camões, poeta português, afirma que o amor acontece independente da vontade do(s) sujeito (s). Para Hegel o amor não limita nada, não é finito, é um sentimento de igualdade da vida, porém não é particular. Mas para Thomas Mann, escritor alemão, esse sentimento é vida, mas paradoxalmente, também sinônimo de doença e morte.

Freud, criador da psicanálise, assegura que a palavra amor inclui inúmeros sentimentos, várias emoções e diversas sensações. Shakespeare, poeta e dramaturgo inglês, alega que o sentimento exige a participação mútua dos sujeitos. Compartilhando desta ideia, temos Drummond, poeta brasileiro, para ele, “[...] o amor é de certa forma uma realização da comunidade humana no plano do encontro de duas pessoas” (KONDER, 2007, p. 150) e complementa afirmando que saber amar leva tempo para aprender.

Na Antiguidade, segundo Costa (1998), já se comentava a erótica platônica como análise do amor. Neste sentido, o amor estava unido a um impulso que conduzia homem e mulher para outro alguém do sexo oposto ou não, cuja energia motriz relacionava-se ao conteúdo afetivo. Nesta manifestação de amor, a substância afetiva das relações expedia à alegria ante o elemento tido e à saudade do elemento de amor atrapalhado ou ao sofrimento da perda (COSTA, 1998).

Segundo Guedes e Assunção (2006), a percepção do amor posteriormente foi fortemente influenciada pelos conceitos Judaico-Cristãos. Diferente da concepção de amor da antiguidade, o fenômeno passou a ser visto como objeto de amor verdadeiro, como bem supremo, ou seja, de Deus para Deus, portanto, seria eterno. O amor sensível é regido pelo anseio de desejar o que não se tem e do medo de perder o que se tem (GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006, p. 400).

Santo Agostinho, segundo Costa (1998), trouxe suas contribuições sobre o assunto, apontando que o amor supremo deveria ser a escolha de vida casta para se



atingir o plano sagrado, divino. Do ponto de vista de sua concepção, percebem-se profundos traços idealistas, não por acaso, herdados do pensamento de Platão e da divisão da vida em dois planos, mundo das ideias e mundo das formas. Santo Agostinho realiza uma nova interpretação de Platão e estabelece a concepção de plano divino e plano dos homens. No fundo, trata-se de uma coloração cristã para as antigas ideias de Platão.

No plano terreno, a existência era marcada pelo pecado, pela imperfeição e nesse sentido, a vida deveria ser um momento preparatório para outra etapa, o plano divino. Sendo assim, as sensações que levassem o homem ao prazer, ao contentamento, poderiam ser indicio de um desvirtuamento, de uma negação da vida divina. O autêntico amor, portanto, não é aquele experimentado com outro ser humano, mas aquele cuja finalidade é leva-lo a salvação, o amor supremo a Deus.

Neste cenário a sexualidade era enxergada como um artifício desestabilizador desta crença, sendo analisada como fracasso e pecado. Entretanto, mais tarde a mística cristã encontrou dificuldade em manter este ideário, pois o surgimento do amor cortês abalou a concepção de amor supremo, pois seu foco estava direcionado para a sexualidade, pois pressupunha o indivíduo sem autodomínio.

Conforme Lins (2007) o amor cortês é a primeira forma de manifestação de amor romântico mencionado na história e que até hoje tem influenciado nossa percepção do assunto. Ainda segundo a autora, surgiu no século XII com os poetas medievais (travadorescos) que pertenciam à nobreza da Provença. Neste “amor”, os desejos sexuais não eram levados em consideração e sim à experiência de se apaixonar. Lins (2007) aponta que a maioria dos apaixonados renunciava ao sexo consumado e que ressaltava o amor infeliz e impossível de se concretizar. O que se esperava do amor era ganhar a simpatia de sua amada e um gesto de afeição. Também nessa percepção, é possível perceber os traços da idealização e longa herança de Platão que não fora completamente eliminada.

O amor cortês representava um suposto respeito pela mulher, que era “ausente” na época, pois a mulher era reprimida e desprezada pelo homem que assumia um papel de dominador e bruto, influência patriarcal. Nessas circunstâncias, casamento era visto como um contrato, um negócio entre famílias. O casamento, segundo Lins (2007, p. 59) era “uma instituição que assegurava a reprodução da sociedade, principalmente em relação à instabilidade dos poderes e das fortunas, não lhe cabe acolher a paixão, o desejo ou o prazer”. No século XII era norma que no casamento poderia haver estima, mas nunca amor, pois este era considerado perturbação, desordem, enquanto que o casamento é visto como uma instituição séria e reverente que embasava a ordem social.

É na Idade Moderna que ocorrem profundas modificações, o Estado centraliza-se e passa a estabelecer limites na vida privada. Dentre estes, podemos destacar: o



incentivo a oficialização dos casamentos; o estímulo a manter a ordem patriarcal doméstica; a incapacidade jurídica das mulheres sem autorização dos maridos; a união matrimonial deveria ser realizada com a autorização dos pais; o reforço de aprovar que as igrejas católicas <sup>5</sup> e protestantes vigiem os hábitos e a moral dos seus seguidores (PRIORI, 2007).

Mas, é com o Renascimento que se expõem as virtudes do sexo e de seus pre-  
parativos, de se aproveitar o momento atual da vida e da satisfação do desejo. No  
entanto, as histórias de amor eram relatadas com desfechos de forma trágica como  
Romeu e Julieta de Shakespeare, demonstrando por sua vez os limites que ainda  
tinha a realização dos intentos pessoais e individuais frente aos determinantes que  
ainda predominavam na igreja e no processo de reprodução social.

Enquanto, a ideologia cultural dominante ocidental na atualidade não se con-  
cebe uma união matrimonial sem amor-paixão e intimidade, no passado estes eram  
quase inconciliáveis. Para Aries (1987) as grandes modificações no casamento, se  
principiam com a modernidade. A ênfase do amor individual presente no sistema  
de ideias burguesa, funda o casamento por amor, amor-paixão, com predomínio do  
erotismo na relação conjugal.

Nesse sentido, o amor enquanto uma recompensa ao indivíduo, é também a  
expressão de uma ampliação das possibilidades do "indivíduo". Não se trata necessa-  
riamente de maior liberdade para o indivíduo, se trata de afirmar que com a ascensão  
burguesa, a ênfase é cada vez mais forte no sentido de priorizar necessidades indivi-  
duais, o que por sua, vez, vai desembocar, também, no individualismo.

Lessa (2012) aponta que o amor individual começou a ser percebido por meio  
do palco do *Theatre* em Shoreditch <sup>6</sup>. Pois a dimensão amorosa fará parte da vida  
agora, não se limitando apenas as obras de artes e aos palcos.

Os humanos descobrem que a relação afetiva pode ter uma  
dimensão, uma riqueza, uma intensidade, um prazer, uma  
densidade, uma capacidade de abarcar toda a existência  
que a faz, de modo inédito na história, um dos elementos  
imprescindíveis da vida individual. (LESSA, 2012, p. 52).

Esta entrada triunfal do amor na história pelo individualismo burguês, no seu  
período progressista, proporcionou peso na afetividade humana e consequentemen-

5 Priori (2007) aponta a Inquisição como forma de cuidar dos hábitos dos fiéis, no qual consistiu na perseguição das heresias, crimes "sexuais", como sodomia, o homossexualismo, as posições consideradas pecaminosas e livros considerados literaturas impuras.

6 Foi neste teatro, construído fora da jurisdição da Prefeitura de Londres para escapar dos seus regulamentos, que estreou Romeu e Julieta (LESSA, 2012, p. 52).

te na reprodução social. Ou seja, a reprodução social agora conta com o amor sexual, individualidades portadoras das probabilidades e das necessidades de construção subjetiva e afetiva. Entretanto Lessa (2012) ressalta que este novo cenário, amor como condição, também traz questões negativas e alienantes, visto que o amor burguês é portador das alienações arraigadas à nova situação.

Pois este fantástico desenvolvimento dos indivíduos, com suas não menos fantásticas consequências para a reprodução da sociedade, ocorreu em meio à família monogâmica burguesa e como parte do desenvolvimento da nova forma de exploração do homem pelo homem – que é o capital. Quanto a isto, o autor retrata que a burguesia difundiu os alicerces dos novos obstáculos do desenvolvimento histórico que a sociedade capitalista iria alcançar. O amor encontrou terra fértil na burguesia, no comércio mundial, nas cidades e estados nacionais, as condições históricas para o seu desenvolvimento (LESSA, 2012).

O amor neste aspecto se apresenta como mais um instrumento para continuar mantendo a mulher no íntimo do lar doméstico. A mulher permanece submissa ao homem agora não apenas pelo poder coercitivo patriarcal, mas também, porque o amor prega que o indivíduo (neste caso a mulher) deve perdoar, ser paciente e que tudo crê, tudo espera e tudo suporta, inclusive a violência. Já o homem continua mantendo seu status de mantenedor, de “dono da verdade”, de único sábio e livre para amar várias mulheres, já que este ato representa confirmação da sua virilidade.

Queiroz (2008) também destaca que o amor romântico é diferenciado para ambos os sexos. Aponta que esta ideia de amor romântico surgiu no contexto de uma cultura predominantemente individualista, que enfatiza a felicidade individual, surgida no mundo ocidental, que aparece com o advento da revolução industrial e do capitalismo. Segundo a autora:

Esta ideia de amor romântico afetou diretamente a vida das mulheres, a partir da criação do lar, da modificação nas relações entre pais e filhos e da idealização da maternidade. Segundo os ideais desse amor, este confere à mulher uma situação de subordinação e submissão ao marido e ao lar, enquanto que o homem desfruta de segurança proposta no lar e dos prazeres fora dele. (QUEIROZ, 2008, p. 43).

Com a Revolução Industrial e o crescimento da vida urbana, há necessidade de mais força de trabalho, então a mulher pode agora vendê-la e conseguir se “manter”. A violência sofrida por dependência financeira estava ameaçada e o amor veio para continuar mantendo a família monogâmica nos eixos

É durante o século XVII, que o amor no matrimônio representa a perfeita união e amizade de duas almas, as relações sexuais entre os cônjuges eram sem intimida-

de, os casamentos representavam a perpetuação da família e da procriação, como já citado anteriormente.

Vale ressaltar, que a história humana vai desde proibição do prazer ao direito dele. Prova disto está no final do século XX, com o movimento *hippye* e seu lema “amor e paz”, obrigando a amar e ter prazer, reprimindo o casamento e o sentimento. O papel dos homens e mulheres perde o caráter tradicional nas diversas instâncias e instituições como: trabalho, família, religião, educação e casamento. entretanto, seus fundamentos persistem.

Na sociedade contemporânea, Bauman (2004), afirma que se teme amar inteiramente alguém, pelo simples fato de não querermos ser usados e em seguida excluídos, quando a relação aparenta os primeiros indícios de desgaste, diferentemente do período em que o patriarcado era fortemente empregado, pois a relação conjugal apenas era permitida por infidelidade feminina ou morte de algum dos cônjuges. Bauman (2004) ressalta que a mídia incentiva à moda de ficar com diversas pessoas sem nenhum compromisso duradouro com nenhum destas, parte-se da lógica do descarte pessoal.

Konder (2007) afirma, também, que não há consenso acerca do uso da palavra amor ou amar. Apesar do contexto atual, as manifestações de cada indivíduo são particulares e únicas, ou seja, não se pode generalizar que todas as relações e perspectivas de relacionamento e do amor são frouxas e instantâneas, visto que muitos relacionamentos ainda são influenciados pelo amor romântico. Vale também ressaltar que nada é imutável e permanente.

Entretanto, as violências que atingem as mulheres são únicas e universais, se expressam em violência física, sexual, psicológica, moral e patrimonial. Estas formas de violência fragilizam a mulher de forma que esta venha perder o autorrespeito, a autoconfiança e pior de tudo favorecer o pensamento de que são merecedoras das agressões.

## 5 A DOR COMO SEQUELAS DO AMOR

A violência doméstica contra mulher, considerada como um problema de saúde pública, em razão de sua dimensão e amplitude, é uma das formas de violência mais cruel e complexa que ocorre dentro do lar, ambiente este, que deveria ser visto como um local seguro e harmonioso; muitas vezes é visto como um ambiente de intensos conflitos e até violência. Trata-se de um fenômeno cultural e histórico e sua origem mais profunda encontra-se na propriedade privada.

Essa violência quando não culmina em morte da mulher, que não são poucas vezes, afeta as mulheres de formas drásticas, devido as inúmeras consequências físicas, reprodutivas e psicológicas ou emocionais. Cada especificidade de violência vai

gerar diversas consequências, que segundo Kashani e Allan (apud FONSECA; LUCAS, 2006) podem comprometer a esfera física, cognitiva, social, moral e psicológica.

Papalia e Olds (2000) ressaltam que uma das formas mais severas de consequência psicológica é a desvalorização de si mesma. Quando a mulher desvaloriza tudo que é e que pode realizar, a negar suas potencialidades, é como se deixasse de ter vida própria para viver somente de acordo com aquilo que o companheiro concorda como certo, e desta forma, as mulheres abrem mão de seus “eus”, e quando chegam a este estado de indiferença consigo mesmas, já não mais têm autorrespeito e muito menos a capacidade de si amar e isso acontece não só porque a mulher permite que o outro não a respeite, mas sim, porque rompeu com seus próprios desejos (PAPALIA; OLDS, 2000).

Percebe-se que o processo instalado na mulher é de alienação, é do não reconhecimento de suas capacidades, de suas qualidades humanas. Não casualmente, que a alienação ainda é um fenômeno tipicamente encontrado nas sociedades de classe, tendo sua origem também na propriedade privada.

As dores do amor, nomeadamente no mundo ocidental, têm conduzido milhares de pessoas aos consultórios dos analistas do comportamento. Isto porque, o amor idealizado não correspondido, impedido ou frustrado dói, e muito, no corpo e na alma. Sendo assim, Freitas (2012) chama atenção para o fato que amor e violência, visivelmente, seriam termos antagônicos, mas ambos se conectam apropriadamente naquela expressão popular muito conhecida, “amor rima com dor”, no qual as relações violentas parecem chegar às últimas consequências, estas exploradas neste trabalho.

Vimos anteriormente, que a ideologia burguesa faz como que os indivíduos apreendam o fenômeno do amor, como involuntário e sem controle das sensações e sentimentos, como se fossem produto tão somente da espontaneidade e não fruto histórico-social (COSTA, apud FREITAS, 2012).

O amor romântico, característico da atual sociedade, constitui em um modelo de relação que une paixão sexual, emoção, matrimônio e prole. Na contemporaneidade, os sujeitos se preocupam excessivamente com o próprio bem-estar, condicionados pela busca da certeza de que o escolhido é *único* e *eterno*, sob o impulso do individualismo e das regras burguesas. Sendo assim, o ideal de amor romântico e a busca da felicidade tornaram-se os principais elementos motivadores do casamento e de relações afetivas.

A ideologia patriarcal é um dos mais importantes fatores que contribuem para que milhares de mulheres continuem em uma relação abusiva. Todavia, é necessário ponderar que a ideologia não nasce ao acaso, nem é o resultado casual de determinadas formas de pensar, ela reflete os aspectos concretizados pelas relações sociais vigentes, que por sua vez têm na esfera da produção a sua matriz organizadora (LESSA; TONET, 2008).

Essas mulheres são educadas a internalizarem a dominação masculina como algo natural. Além deste fator, podemos citar: a dependência emocional e econômica; a preocupação com os filhos; o medo da perda e do desamparo diante da necessidade de enfrentar a vida sozinha, principalmente quando a mulher não conta com nenhum apoio social e familiar e a valorização da família. Portanto, o ideal de sujeito de amor, de segurança e de confiança transforma-se em um indivíduo que realiza maus tratos, de violência, gerador de traumas e provocador de intenso sofrimento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exploração e a diferenciação entre os gêneros surgem com a apropriação do trabalho excedente produzido por uma classe e usurpado pela outra classe – a classe dominante e o estabelecimento da propriedade privada. É a partir desse momento histórico que se iniciam as transformações nas relações sociais. As distinções não se resumem a tão somente as relações entre homens e mulheres, mulheres também podem dominar outros homens, o que irá determinar esta relação de subordinação é o local ocupado na produção de riqueza social.

Será o discurso da ordem patriarcal que irá justificar as distinções e o papel de subordinação entre homens/mulheres, esta mulher é considerada como um objeto ou propriedade privada dos homens, principalmente daqueles que estão mais próximos, como pais, namorados, companheiros e/ou maridos. Está lógica irá ser afirmada e internalizada desde nascimento dos indivíduos e reafirmada em toda a sua existência. A idealização de amor romântico se faz tão presente e enraizada na sociedade contemporânea que parece não existir outra forma de relação afetiva entre os gêneros. No entanto, no decorrer do texto demonstramos que no transcorrer da história humana existiram outras formas distintas do amor romântico, sendo assim, esta configuração não se constitui como natural, permanente e imutável.

Muitas vezes esta relação de idealização se materializa em violência que afeta não só a mulher, como também toda a sua família, produzindo consequências de diferentes ordens, afetiva, psicológica, física, entre outras.

Nos dias de hoje a educação recebida pelas mulheres tende a limitá-las aos sentimentos de amor, sendo assim, a causa de milhares de mulheres estarem com o coração fragmentado na primeira tempestade afetiva. É possível perceber que já é a hora de ensinar as mulheres a considerar o amor não mais como a única base de sua vida, e, sim como mais uma etapa de revelar seu eu. É imprescindível que as mulheres saiam das relações amorosas não com as “asas” quebradas, mas sim como de seres de espírito fortalecido.

Dessa forma, este ensaio procura contribuir com o debate acerca da violência doméstica, temática que ainda precisa ser discutida dentro e fora da academia por ser

um fenômeno recorrente na atual sociedade. Como também, entendemos que a Psicologia, como profissão e ciência pode colaborar e fornecer elementos para melhorar a qualidade de vida das mulheres, crianças e de todas as pessoas vítimas de violência.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. O amor no casamento. In.: ARIÈS, P. e BÉJIN, A. (orgs) **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.153-162.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUCHER -BUMALUSCHKE, Julia. Vínculo, afetividade e violência: Desafios para a família e a sociedade. In.: BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. et.al., **Direitos humanos e violência**: desafios da ciência e da prática Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004, p.157-170.

COSTA, J. F. **Sem fraudes, nem favor**: estudo sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FONSECA, P. M.; LUCAS, T. N. S. **Violência contra a mulher e suas consequências psicológicas**. Trabalho apresentado ao curso de Psicologia da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2006. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/152.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2013.

FREITAS, Lúcia. Processos na Lei Maria da Penha e Canções Sertanejas: Discursos de amor, gênero e violência. **Anais do III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS)**: Dilemas e desafios na contemporaneidade. São Paulo: UNICAMP, 2012.

GUEDES, D; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v.VI, n.2, p.396-425, set. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v6n2/07.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

KONDER, Leandro. **Sobre o amor**. São Paulo: Boitempo, 2007.

LESSA, Sérgio. **Abaixo a Família Monogâmica**, São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Proletariado e Sujeito Revolucionário**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda**: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Ed. rev. e ampliada, Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

LUKÁCS, Georg. **O trabalho**. Tradução de Ivo Tonet. Mimeografado. Extraído de Per L'Ontologia Dell' essere Socieale. Roma: Riunit, 1981.

MAGALHÃES, Belmira. **As Marcas do Corpo Contando a História**: um estudo sobre violência doméstica. Maceió: EDUFAL, 2005.

MORGADO, Rosana. Mulheres em Situação de Violência Doméstica: Limites e possibilidades de enfrentamento. In: GONÇALVES, H.; BRANDÃO, E. **Psicologia Jurídica no Brasil**. Rio de Janeiro: NAU, 2004.

NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez: 2007.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. 7.ed., Porto Alegre: Artemed, 2000.

PRIORI, Mary. **Pequena História de Amor Conjugal no Ocidente Moderno**. Estudos de Religião, Ano XXI, n.33, jul/dez 2007, p.121-137.

QUEIROZ, Fernanda Marques. **Não se rima amor e dor**: cenas cotidianas de violência contra a mulher. Mossoró, RN: UERN, 2008.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna. 1991.

SAFFIOTI, H. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Marlise Vinagre. **Violência contra a mulher**: quem mete a colher. São Paulo: Cortez. 1992.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres**: o gênero nos une, a classe nos divide. São Paulo: Sundermann, 2008.



---

**Data do recebimento:** 29 de Agosto de 2014

**Data da avaliação:** 2 de Setembro de 2014

**Data de aceite:** 4 de Setembro de 2014

---

---

1 Acadêmica do curso de Psicologia da Unit - Maceió. E-mail: adrianacbarbosa2011@hotmail.com

2 Acadêmica do curso de Psicologia da Unit - Maceió. E-mail: drielly.marinho@hotmail.com

3 Acadêmica do curso de Psicologia da Unit - Maceió. E-mail: rosillenee\_@hotmail.com

4 Bacharel em Comunicação Social e Mestre em Serviço Social pela UFAL. Possui especialização em Gestão de Projetos Sociais pela Unit - Maceió. É Doutorando em Serviço Social pela UFPE. Atualmente é docente no curso de graduação em Serviço Social e pós-graduação em Gestão de Políticas Públicas do Centro Universitário Tiradentes – Unit. Nesta instituição, também é Coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Crise Estrutural e Transformações no Mundo do Trabalho. E-mail: albanibrr@hotmail.com